

OS SENTIDOS DO LER E ESCREVER NA SOCIEDADE E NA ESCOLA.

BONOW, Débora Böhm – Pesquisadora
ROSA, Dr^a. Cristina Maria - Orientadora
Universidade Federal de Pelotas
Departamento de Ensino
Faculdade de Educação

Resumo: Fundado em estudos que indicam que a leitura e a escrita prévia e a desencadeada nos cursos de formação têm parte considerável de influência na atuação docente (KRAMER, 1998), o artigo é um recorte da pesquisa que investiga se e como os estudantes de Pedagogia se apropriam da leitura e da escrita como objetos conceituais primordiais para a atuação docente. As coletas semestrais com 48 acadêmicas que ingressaram na Pedagogia em março de 2005 indicam que houve mudança conceitual.

1. Introdução

Ler e decifrar são aprendizagens distintas, decifrar significa dominar um código de correspondência entre grafemas e fonemas e, para tal, são necessários alguns procedimentos e um tempo, nem sempre longo. Esse saber, no entanto, jamais significará saber ler porque é restrito conceitualmente e vinculado a uma visão de que ler é dominar a correspondência entre grafema e fonema.

Além de ser um direito inalienável, ler e escrever são processos de “acesso aos meios expressivos construídos historicamente pelos falantes e escritores da língua” e extrapola a condição de decifrar oferecendo a possibilidade de ser capaz de ler e compreender todo e qualquer texto já escrito” (NEVES, 2003). Ensinar a ler é levar o aprendiz a reconhecer a necessidade de aprender a ler tudo que já foi escrito e, com isso, conectá-lo com a produção cultural da humanidade e com a capacidade de produzir-se. Para Neves (2003) “ler o jornal, ler poemas, ler narrativas; ler leis e regulamentos, ler ensaios” são atividades que organizam as relações com o mundo lá fora, que dão concretude, qualificam e expandem limites dos sentimentos, que organizam a relação com a complexidade da vida social e que desenvolvem a racionalidade.

A escrita, por sua vez, “é algo tão importante na história que, para alguns, só existe história quando existe escrita...” (NEVES, 2003). Desde seu início a escrita é uma organização de sinais para os olhos e, ao longo dos tempos, desenvolveram-se vários tipos de escrita. Graças ao alfabeto, pretende ser um sistema de codificação de sons, associada então a uma única língua oral. Escrever é uma atividade intelectual – e não meramente braçal, de cópia ou marcas no papel. Enquanto prática social, a leitura e a escrita são bens sociais indispensáveis e cada vez mais necessários para enfrentar o dia-a-dia.

Ao experimentar a leitura estamos executando um ato de compreensão do mundo, ou seja, apreensão dos significados através de discursos escritos. Nesse

sentido, não basta decodificar signos, é necessário compreendê-los - um processo bidirecional no qual o leitor transforma o texto ao mesmo tempo em que é transformado (SILVA, 2002).

Sob a perspectiva de Soares (2003), ler é “um conjunto de habilidades e conhecimentos lingüísticos e psicológicos, estendendo-se desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos”. Para a educadora, ler e escrever são categorias complementares, pois “ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras, e é também um processo de construção da interpretação de textos escritos” (SOARES, 2003).

Para Cagliari (2005), “a leitura é uma herança maior do que qualquer diploma” e é papel do professor mediar processos de interpretar e estabelecer significados, através da criação de experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores.

2. Metodologia

Fundada em estudos que indicam que a leitura e a escrita prévia e a desencadeada nos cursos de formação tem parte considerável de influência na atuação docente (KRAMER, 1998), a intenção da pesquisa é evidenciar, com a mais profunda densidade conceitual, **se e como** os estudantes de Pedagogia se apropriam da leitura e da escrita como objetos conceituais. Para tal, pretendemos conhecer **quais as atribuições de sentido à leitura e à escrita** presentes nos depoimentos escritos e orais.

A pesquisa tomou como grupo de interlocutores 48 acadêmicas do Curso de Pedagogia que ingressaram na UFPel em 2005, com idades entre 17 e 51 anos. A pretensão é dimensionar o impacto da formação acadêmica nas práticas de leitura e escrita em um grupo que tem origens étnicas diversas, multiplicidade de classe social, estado civil e experiências escolares.

O primeiro passo foi à adaptação e aplicação do questionário (PERES, 1999) que continha perguntas acerca de práticas de leitura e escrita, entre elas: O que é ler e escrever; se possuíam material de leitura em casa como jornais, revistas obras religiosas, obras literárias, revistas em quadrinhos, livros escolares, livros de auto-ajuda; como a família adquiria esses materiais; qual a obra que mais gostaram de ler; se possuíam acesso à Internet; entre outras.

A coleta de dados acontece semestralmente, através de questionários escritos, até o presente momento foram realizadas cinco coletas e atualmente estão sendo programadas entrevistas gravadas com alguns dos sujeitos da pesquisa, uma entrevista já foi realizada, devido a possível transferência da aluna e a sua grande transformação conceitual. De caráter longitudinal, a pesquisa irá acompanhar os quatro anos de graduação do grupo.

Inserida no campo da análise qualitativa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986), a análise dos dados consiste em organizar todas as respostas em categorias conforme seu universo conceitual.

3. Resultados Parciais

Como resultado parcial a escrita deste artigo é um recorte sobre conceitos emitidos pelas acadêmicas sobre a leitura e acrescido de informações de uma das entrevistas¹. Os conceitos extraídos de cinco coletas e alguns dados sobre os hábitos de leitura que realizam dentro e fora da Universidade foi a finte para estabelecer um paradoxo entre o que liam quando ingressaram no curso e o que lêem atualmente.

3.1 - A entrevista

O que mais chamou a atenção durante o processo de análise da entrevista foi a rápida e expressiva mudança conceitual, na primeira escrita (março de 2005) referiu-se à leitura como “um obstáculo que preciso transpor”. Em sua escrita (maio de 2005), disse: “a leitura serve para nos transportar para um universo infinito de conhecimentos. É uma porta pela qual buscamos nos aperfeiçoar, ou seja, sermos melhores a cada dia.”

Ao ser questionada a respeito dessa transformação conceitual a estudante tentou recompor a origem do primeiro depoimento. Para ela a expressão “obstáculo” trazia embutida a idéia de não conseguir se formar. Em suas palavras, “Eu sempre conto que quando vim para a faculdade eu permaneci fazendo cursinho pré-vestibular para Medicina, eu queria trabalhar com crianças, achava que era Pediatria. E aí foi decisiva pra mim a disciplina de literatura. O dia em que a professora chegou à aula, abriu a mala, eu vi aqueles livros e ela começou a ler... Eu chorei! Fui pra casa e pensei: Deus será que eu quero fazer Medicina? Aí a professora voltou na outra semana e leu de novo e eu chorei de novo. Eu disse: quer saber? Eu vou é trancar o Cursinho!”

A entrevistada diz que a partir do momento que sentiu brotar o gosto pela leitura, começou a se perguntar por que ler é importante. Sentia necessidade de saber por que a leitura trazia consigo o prazer. Em suas palavras, “o prazer não veio só porque a professora chegou lá e abriu o livro, aquilo foi um estalo. Depois eu fui em busca de entender por que aquele prazer existia e comecei a entender o porquê.”

Uma autora que ajudou a estudante nessa busca foi Ana Maria Machado. Segundo a depoente, Machado afirma que não adianta oferecer literatura em quantidade, “uma mesa farta com os melhores pratos” se essa oferta for “goela abaixo da pessoa que não quer engolir”. A entrevistada disse que “na escola, muito é colocado goela abaixo: tu tens que estudar, tu tens que ler... Na faculdade eu sentia que aqueles textos iam me engolir, nem todas as leituras oferecidas são prazerosas, porém são necessárias”.

Para ela, “algumas pessoas criam gosto pela leitura pelo exemplo dos familiares, outras, por influência de professores ou por circunstâncias fortuitas de

¹ Autorizada para publicação, a entrevista foi concedida pela estudante Simone da Silva Gonçalves em dezembro de 2006.

suas histórias de vida.” Além disso, durante a entrevista fez a seguinte observação, baseada em pesquisas que vem desenvolvendo: “Nas bibliotecas das escolas não existem pessoas qualificadas, o que precisava em cada biblioteca é uma pessoa que amasse ler”.

O que se pode depreender dessa entrevista é que a estudante, em pouco tempo, acessa os motivos pelos quais não há a formação de leitores nas escolas, tomando seu exemplo como ponto de partida. Acreditamos, assim como Carvalho (2005), “que a formação de leitores em grande escala, via escola, só ocorrerá se houver uma política de leitura, traduzida na adequada formação de professores-leitores, na oferta abundante de bons e variados materiais escritos, e na instalação de bibliotecas e salas de leitura bem equipadas, dinamizadas por bibliotecários” (CARVALHO, 2005).

3.2 - As coletas semestrais

A seguir apresentamos alguns dos resultados das cinco coletas escritas realizadas até o momento e sua análise. As respostas a respeito da pergunta “O que é ler?” foram agrupadas conforme o universo conceitual.

Conceitos de Leitura

Conceito	1ª coleta	2ª coleta	3ª coleta	4ª coleta	5ª coleta	Total
Funcional	9	28	33	4	3	77
Cognitivo	48	22	18	13	18	119
Amplio	8	20	37	18	28	111
Desistências	0	2	1	1	0	4
Transferências	0	0	1	3	2	6

Para Martins (2006), existem várias concepções a respeito da leitura que, a *grosso modo*, podem ser sistematizadas em duas abordagens: decodificação mecânica de signos lingüísticos e processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos

A leitura como decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta, em nossa pesquisa foi designada como “funcional”. Alguns dos conceitos que foram escritos e categorizados nessa concepção se referem à leitura como: qualificar a escrita, decodificar, decifrar, melhorar e ampliar o vocabulário oral e escrito, compreender, entre outros. Esses conceitos estão fortemente ligados à forma como a escola trata a leitura pois é na escola que se decodifica, se lê para interpretar, para adquirir e ampliar o vocabulário e é lá que se argumenta que ler qualifica a escrita.

Já a leitura como “processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos,

tanto quanto culturais, econômicos e políticos” apareceu na pesquisa em muitos dos depoimentos. Denominado de “cognição”, esses conceitos se referem à leitura como uma aquisição: de conhecimento, de informação, de cultura, de valores, mas sempre aquisição.

Em nossa sociedade é muito comum atribuir ao leitor ou àquele que indica essa condição socialmente, um saber maior, uma cultura mais ampla e uma capacidade de discernimento e opinião. É isso que se chama prestígio social ao exercício de uma condição, no caso a leitura.

Um conceito mais amplo de leitura refere-se a ela como uma condição que eleva o simples mortal à condição de um sujeito melhor, mais qualificado, mais apto a oferecer trocas qualificadas. Para indicar esse universo amplo de leitura surgiram vários conceitos, entre eles, ler é sinônimo de viajar, imaginar, sonhar, aprimorar o intelecto, ampliar horizontes, realizar uma leitura de mundo, refletir, melhorar como ser humano, apropriação de outros mundos, desenvolver a criatividade, a criticidade, o letramento e ler é prazeroso, entre outros.

3.3 - Leituras que gostam de realizar

Na primeira coleta de informações uma das questões foi a respeito da obra que a estudante mais gostou de ler. Dentre as respostas apareceram livros, gêneros literários e autores. Entre os livros, “Violetas na Janela” - Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho e “O Código da Vinci” - Dan Brown foram os mais citados. Entre os gêneros, Literatura infantil e Contos regionais. Érico Veríssimo foi o autor mais citado.

Na quarta coleta a questão foi retomada de uma forma mais direcionada e a partir de três questões, a primeira foi: “Desde o seu ingresso no Curso de Pedagogia, qual a obra que você mais gostou de ler?”.

Nas repostas, foram citados livros como “Preconceito Lingüístico” - Marcos Bagno; “Letramento: Um tema em três gêneros” - Magda Soares; “A criança e o número” - Constance Kamii; “A organização dos espaços na educação infantil”; “Alfabetizar e Letrar” - Marlene Carvalho; “Bisa, Bia, Bisa, Bel” - Ana Maria Machado; “A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir” - Rubem Alves; “Pais brilhantes, professores fascinantes” - Augusto Cury; “Pedagogia da Autonomia” - Paulo Freire; “De olhos abertos” - Ezequiel Theodoro da Silva; “A bolsa amarela” - Lígia Bojunga; “Alfabetização e Lingüística” - Luis Carlos Cagliari; “Identidade e diferença” - Tomás Tadeu da Silva; “As mil e uma noites” - Malba Tahan; “Literatura, leitores e leitura” - Marisa Lajolo; “Como e por que ler os clássicos universais desde cedo” - Ana Maria Machado e “Por uma teoria da pedagogia”. É importante ressaltar que a maioria dos livros citados foram leituras indicadas pelos professores.

A segunda questão foi “Entre as obras literárias que você conhece qual a que indicaria a um amigo?” Em resposta a essa questão as acadêmicas citaram: “Contos de Andersen” - Hans Christian Andersen; “Seja o detetive” - M. Diane Vogt; “Pais brilhantes, professores fascinantes” - Augusto Cury; “Bisa, Bia, Bisa, Bel” - Ana Maria Machado; “O Pequeno Príncipe”; “O Código da Vinci” - Dan Brown; “Contos

Gauchescos” – João Simões Lopes Neto; “Sexo se aprende na escola”; “O tempo e o vento” – Érico Veríssimo; “A planície e o abismo” – Rubem Alves; “A bolsa amarela” – Lygia Bojunga; “As mil e uma noites” - Malba Tahan; “Pai invisível” - Kledir Ramil; “Identidade e diferença” - Tomás Tadeu da Silva; “O menino maluquinho” - Ziraldo; “Feliz ano velho” - Marcelo Rubens Paiva; “Memórias Póstumas de Brás Cubas”; “Harry Potter” – J. K. Rowling; “Cem anos de solidão” - Gabriel García Márquez; “O menino que chovia” - Cláudio Thebas; “Contos de Charles Perrault” e “Coletânea de livros de Cecília Meireles e Mário Quintana”.

A maioria das indicações se refere a obras da literatura infantil, o que demonstra o impacto da formação na área da leitura iniciada com essa turma de acadêmicos e o interesse em conhecer obras para o exercício docente, preponderantemente com crianças nas séries iniciais da escolarização.

A terceira questão foi elaborada com o intuito de saber exatamente o que as alunas consideram imprescindível, de tudo que já lhes foi apresentado durante o curso de graduação: “Que obra você indicaria a um colega de Graduação como imprescindível para a docência?” Entre as obras citadas se encontram “Dificuldades de aprendizagem: um enfoque inovador do ensino escolar” - Jean Luc Chabanne; “Pedagogia da Autonomia” - Paulo Freire; “Alfabetização e Letramento” – Magda Soares; “O mestre ignorante” - Jacques Rancière; “Pais brilhantes, professores fascinantes” – Augusto Cury; “Psicologias” - Ana Mercedes Bahia Bock; “Ortografia: Ensinar e aprender” – Arthur Gomes de Moraes; “Ler e escrever: Compromisso de todas as áreas” - Iara Conceição Bitencourt Neves; “Pedagogia do Oprimido” – Paulo Freire; “Professora sim, tia não!” – Paulo Freire; “Alfabetizando sem o BĂ, BÉ, BI, BÓ, BU” – Luiz Carlos Cagliari; “Literatura, leitores e leitura” – Marisa Lajolo; “Como e por que ler os clássicos universais desde cedo” – Ana Maria Machado; “Alfabetizar e letrar” – Marlene Carvalho; “Linguagem e escola” – Magda Soares; “Psicogênese” – Emília Ferreiro; “Gosturas e bobices” – Fanny Abramovich e literatura infanto-juvenil em geral.

Para Machado (2002) o prazer que a leitura nos dá é mais uma razão para se chegar perto dos livros. E prazer, para ela, é muito mais que entreter-se, divertir-se, emocionar-se, para a autora, o prazer proporcionado pela literatura se vincula ao “gosto pela imersão no desconhecido, pelo conhecimento do outro, pela exploração da diversidade”. E esse prazer pode ser sentido também quando nos sentimos “transportar para outro tempo e outro espaço”, “viver outra vida com experiências diferentes do cotidiano” e, ao mesmo tempo, “descobrir pessoas idênticas a nós mesmos”.

Conclusões

Todas as conclusões até agora extraídas da pesquisa indicam que houve mudança conceitual o que não significa que as depoentes se aproximaram, nessa mudança, da Leitura e da Escrita como objetos conceituais primordiais para a atuação docente.

Outra conclusão importante diz respeito as obras citadas que passaram a fazer parte da vida das acadêmicas primeiro por obrigação, a partir da indicação de

professores do curso, e agora, por prazer, ditas e vistas pelas depoentes como indispensáveis. É notável também que a escolha de obras fora da universidade se apurou, mesmo sem a intervenção direta dos professores.

Os livros que aparecem como a leitura que mais gostaram de realizar, em sua maioria, não são os mesmos que são considerados pelas depoentes como imprescindíveis para a atuação docente.

Acreditamos, diante dos resultados e conclusões preliminares, na pesquisa e na continuidade dela, bem como na importância de investigações desse cunho para a qualidade dos cursos de formação de professores, prioritariamente os das séries iniciais.

Referências:

- BATISTA, Antônio e GALVÃO, Ana. **Leitura: Práticas, impressos e Letramentos.** 2ª ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2002.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística.** 10ª ed. Editora Scipione. 2005.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar. Um dialogo entre a teoria e a prática.** Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2005.
- FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psico gênese da Língua Escrita.** Porto Artes Médicas. Alegre, 1999.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 25ª ed. Editora Cortez. São Paulo, 1991.
- JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras.** Artes Médicas. Porto Alegre, 1994.
- SOUZA, Jobim e KRAMER, Sônia. **Histórias de Professores: Leitura, escrita e formação de professores.** Ática. São Paulo, 2003.
- KATO, Mary. **No Mundo da Escrita: Uma Perspectiva Psicolingüística.** Ática. São Paulo, 2003.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Objetiva. Rio de Janeiro, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** Brasiliense. São Paulo, 2006.
- NEVES, Iara. **Ler e Escrever: Compromisso de todas as áreas.** Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2003.
- PERES, Eliane Teresinha. **Questionário sobre Práticas de Leitura e Escrita de Crianças e Famílias.** (Documento Didático). Pelotas, 1999.
- ROSA, Cristina. **O que lêem e escrevem as acadêmicas da Pedagogia: um estudo da turma 2005-2008 em Pelotas.** Cadernos de Educação. Vol.1, nº. 10, 2006. Editora e Gráfica da UFPel. Pelotas, 2006.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 9ª ed. Editora Cortez. São Paulo, 2002.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** Contexto. São Paulo, 2003.
- TEBEROSKY, Ana e COLOMER, T. **Aprender a Ler e Escrever: Uma Proposta Construtivista.** : Artes Médicas. Porto Alegre, 2003.
- VIGOTSKI, Leon. **Pensamento e Linguagem.** Martins Fontes. São Paulo, 2003.

ZILBERMANN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: Perspectivas interdisciplinares.** Ática. São Paulo, 1999.